

GLOBO Sarney 12 JAN 1990

Um lugar na História

Dentro de alguns anos, quando se escrever a crônica deste conturbado período de transição da ditadura para a democracia, lugar de relevo terá de ser necessariamente reservado para o presidente José Sarney. Em cem anos de República, dos quais qualquer balanço revela mais períodos de anomalia que de anormalidade, nenhum outro presidente da República foi mais afável e tolerante que ele diante das críticas violentas recebidas ou das dificuldades enfrentadas.

Convocado a assumir a presidência da República pela madrugada, diante da doença que acometeu Tancredo Neves, Sarney foi obrigado a partilhar o poder, em verdadeiro comodato, com seus novos e desconfiados aliados do PMDB, dos quais teve de engolir dois ministros da Fazenda e aceitar suas políticas econômicas sem qualquer discussão.

Poucos dias antes da decretação do Plano Cruzado, o PMDB exigia a sua cabeça. O líder do Governo no Senado, Fernando Henrique Cardoso, então uma das figuras marcantes do partido, chegou a sugerir que ele renunciasse. Depois de anunciado o novo programa econômico, quando a multidão aplaudia o Presidente nas ruas e populares se transformavam em fiscais de Sarney, o PMDB voltou a conviver com o governante como em uma lua-de-mel.

Graças ao Cruzado, o partido elegia 22 dos 23 governadores e mais de 50 por cento da Câmara e do Senado em 1986. Diante do fracasso desse programa, o PMDB voltou a se afastar de Sarney, e desta vez de maneira definitiva. Acossado pela inflação galopante e a

inquietação social, Sarney resistiu ao canto de sereia do apelo à violência. Pressionado por um ciclo grevista inédito em toda a história deste País, não usou, em nenhum momento, de truculência contra grevistas.

Nenhum outro presidente da República portou-se com tanto **fairplay** diante das críticas da imprensa, algumas profundamente injustas e até infamantes. Nunca telefonou a qualquer diretor de jornal para reclamar a cabeça de um jornalista, como aconteceu tantas vezes no Brasil durante e antes da ditadura. A imprensa não tem motivo para se queixar de seu período governamental, nesse particular.

Em toda uma trajetória de compreensão e tolerância, marcas inquestionáveis de seu governo, ficou, como única nódoa, a irrisão da Companhia Siderúrgica Nacional por roupas do Exército, a qual deixou um saldo de três operários mortos. Hoje, já não existem dúvidas de que Sarney não teve responsabilidade pelo envio da tropa, pagando o pato calado para não comprometer a normalidade do processo de transição.

Esse temperamento, que se concilia mais adequadamente com a civilidade e a democracia, foi freqüentemente confundido com fraqueza e hesitação. Mas não pode ser fraco e hesitante quem teve a coragem de adotar o programa econômico mais ousado e aquele que conseguiu despertar maior entusiasmo popular em toda a história do País.

■ TARCÍSIO HOLANDA

(Transcrito do Jornal Correio Braziliense de 8/01/90)